

Lésbicas até no fim do mundo: uma proposta para a composição de novos imaginários

Natalia Borges Polesso¹

Resumo: O presente artigo visa discutir as complexidades que atravessam as escolhas composicionais de textos literários considerando perspectivas da dissidência de gênero, da decolonialidade e da ecologia. A partir das ideias de *dysphoria mundi*, de Preciado (2023), *fracasso queer*, de Halberstam (2024), pensamento *straight*, de Wittig (2022) e as cripstemologias, de Greiner (2023), procura-se mostrar como escolhas narrativas e composição de personagens gênero dissidentes, racializadas e ou doentes, colaboram na composição de imaginários de mundos possíveis e de fins de mundo possíveis e na quebra de expectativas normativas. Essas imagens produzidas nas narrativas servem de repertório e de dispositivo não apenas para lidar com o presente, seja no campo teórico ou da crítica, seja no campo lúdico, em que a pessoa leitora frui das descobertas na leitura, mas também cria possibilidades de novas imaginações, potencialmente alargando o espaço de existência de pessoas oprimidas pelas normas sociais e pelos discursos normativos. As narrativas ficcionais que exemplifica os casos são *A extinção das abelhas* (2021) e *Amora* (2015).

Palavras-chave: Dispositivo. *Dysphoria mundi*. Escrita criativa. Fracasso. Literatura.

¹ Professora da Escola de Humanidades na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutora em Teoria da Literatura. Coordenadora do grupo de pesquisa Atlas do Antropoceno. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2332633259643911>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7618-1288>. E-mail: natalia.polesso@pucrs.br.

Sobre que você está escrevendo? Essa é uma pergunta comum para pessoas que escrevem. Existe uma curiosidade banal e talvez uma expectativa da parte das pessoas leitoras de que o livro que ainda está na nossa cabeça, por assim dizer, possa ser visualizado de antemão, ainda que por uma fresta. E, com frequência, nós, pessoas escritoras, nos pegamos tentando responder resumidamente sobre temas e tramas repletos de complexidades, que talvez não tenham uma ordem narrativa bem precisa naquele momento, que em algum ponto são mais questões do que respostas, quanto mais respostas narrativas com contornos de uma história. Pensar os processos da escrita faz parte do ofício, assim como responder sobre esses mesmos processos sem ter muita certeza do assunto nem de como ele se desenvolve ou mesmo tendo algumas certezas, ainda que provisórias. É um jogo. *Um jogo bastante perigoso*, para citar o título do livro de poemas de Adília Lopes, de 2019, onde encontrei o seguinte poema, intitulado “Arte poética”:

Escrever um poema
É como apanhar um peixe
com as mãos
nunca pesquei assim um peixe
mas posso falar assim
sei que nem tudo o que vem às mãos
é peixe
o peixe debate-se
tenta escapar-se
escapa-se
eu persisto
luto corpo a corpo
com o peixe
ou morremos os dois
ou nos salvamos os dois
tenho de estar atenta
tenho medo de não chegar ao fim
é uma questão de vida ou de morte
quando chego ao fim
descubro que precisei de apanhar o peixe
para me livrar do peixe
livro-me do peixe com o alívio
que não sei dizer (Lopes, 2018, p.20)

O fato é que escrever uma narrativa breve ou longa, um conto ou um romance, traz um sentimento muito parecido, sensações muito parecidas de ter que fazer algo que nunca fizemos antes, algo tão específico que nos sentimos iniciantes. E nos deparamos nessa luta de vida e morte para chegar ao fim de algo de que não temos certeza. Sempre fico na dúvida do que responder nesses casos. Sobre o que você está escrevendo? O peixe metafórico e metafísico se debate nas minhas mãos. Não sei se respondo sobre a narrativa e as personagens ou se digo algo do tema e das questões que tenho para o mundo e que tento responder ou ampliar nos livros. Um dia, decidi que responderia mais assertivamente, e respondi assim, entregando um peixe: *sobre lésbicas no fim do mundo*.

A resposta foi tão satisfatória que a pessoa apenas disse: nossa! E assim, parece que compartilhei com ela todas as angústias narrativas e incertezas que habitavam em mim. Não é possível saber bem de verdade o que a pessoa pensou. A mim bastou o fato de que não me perguntou mais nada. Pode ter achado realmente muito bom ou tão ruim que não valeria a pena seguir. Não procurei saber.

Na minha resposta completa não eram apenas lésbicas que figuravam, é lógico. O intento, no caso, era criar um mundo ficcional composto por variedades de pessoas, sexo e gênero dissidentes e/ou marcadas por outras tensões sociais, ou seja, lésbicas, bichas, sapatonas, fanchas, pessoas não-binárias, homens trans, mulheres trans, pessoas transmasculinas, pessoas racializadas, corpos crip (Greiner, 2023), doentes, velhes, crianças, animais, e por que não, até pessoas que se integram melhor nas normas da heterocissexualidade. E nesse mundo com essas gentes todas, as tramas se teceriam, a partir de questões e os conflitos se desenvolveriam a partir de decisões narrativas. Tódes juntas, formando uma grande assembleia disfuncional, vagando num mundo colapsado. Desde que dei essa resposta curta, ela tem se alastrado pelo meu fazer literário, tomado minha escrita, meu olhar para a teoria da literatura, para a teoria crítica e para a escrita criativa, e vem se tornando mais complexa e multifacetada.

Na quarta edição de *Devassos no paraíso* (2018), de João Silvério Trevisan, há um capítulo intitulado “As patrulhas da moral e da família”. Nele, Trevisan faz uma retomada dos acontecimentos que levaram ao, segundo ele, “nascimento da nova direita ‘conceitual’, perita em *fake News* e afeita aos métodos sensacionalistas da pós-verdade”

(Trevisan, 2018, p. 472). Em sua lembrança dos anos 2016 e 2017, ele cita o golpe contra Dilma Rousseff, o fechamento da exposição *Queermuseum*, a retomada de força dos oportunistas do MBL, as falsas polêmicas em torno da nudez na performance *La Bête*, de Wagner Schwartz e os ataques físicos e verbais à filósofa Judith Butler, na sua visita ao Brasil. Todos esses eventos aconteceram mais ou menos em uma sequência espetacular, midiática, que minou um processo coletivo de reflexão sobre vivências e direitos LGBTQIAPN+ que vinha sendo paulatinamente construído e que podia ser visto nas artes, por exemplo. Não se pode dizer que há um discurso homogêneo que reflete ou refletiu em uma melhora global das condições de vida dessa comunidade (tão ampla e multifacetada), no entanto, se pode dizer dos discursos que solapam e solaparam movimentos progressistas do campo das dissidências.

A direita e a extrema direita se apropriaram das narrativas desses eventos e suas interdições, em seu proveito, e com isso reforçaram ideias normativas de família, tradição e propriedade, tal qual a TFP dos anos 1960, que com inspiração católica lutava contra os supostos perigos do socialismo e do comunismo. Esses discursos ajudaram a eleger Jair Messias Bolsonaro, por meio de mentiras e fantasias absurdas como a mamadeira de piroca, item do imaginário bolsonarista. Esse item denotaria os perigos que assombrariam as crianças nas escolas, filhos e filhas de famílias tradicionais, bem como a própria família. A ideia errônea de ideologia de gênero como suposta tentativa de predominância de uma estrutura terrivelmente homossexual estava posta. O resultado dessa fantasia é a produção do ódio a uma educação reflexiva e mais especificamente aos professores, que teriam se tornado apenas doutrinadores da esquerda, formados em universidades que foram descritas como “uma balbúrdia”. Posso pontuar o ódio contra a educação, contra as mulheres, o descaso com adolescentes em idade escolar, o desmonte das escolas, a precarização do trabalho dos professores, entre outras coisas que vão culminar, por exemplo, no esfaqueamento de uma professora por alunos do sétimo ano, em uma escola de Caxias do Sul, cidade onde morei.² Além, do ódio palpável e impalpável, outro

² Professora é esfaqueada por alunos em escola municipal de Caxias do Sul. Estudantes do sétimo ano da João de Zorzi, no bairro Fátima Baixo, teriam sido os responsáveis, segundo a direção da instituição. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/policia/noticia/2025/04/professora-e-esfaqueada>

resultado mais mensurável no sentido capitalista, foi um imenso corte de verbas da educação superior,³ fato que já vinha se produzindo nos discursos e ações, a pá de cal.

Retomo esses fatos, porque foi neste contexto que escrevi e pensei nas minhas personagens de *A extinção das abelhas*, publicado em 2021, e escrito entre 2016 e 2020. Em *A extinção das abelhas*, Regina, mulher lésbica de 40 anos, diabética e órfã, enfrenta o colapso ambiental, social, econômico e político coletivo, enquanto tenta compreender o colapso das relações pessoais nos âmbitos romântico, familiar e do campo das amizades. O mundo como ela conhece vem paulatinamente desaparecendo. Enquanto isso, sua mãe, Guadalupe, uma mulher neurodivergente, que perdeu uma perna em um acidente, vive com uma trupe circense e viaja pelo mundo desde sua fuga do lar, ainda na infância de Regina. Ambas possuem uma relação de espelhamento e diálogo, mesmo que, na narrativa, nunca se encontrem. Em uma carta que Regina nunca entrega, ela escreve:

Tem abelha onde tu tá? E semente? Onde tu tá, caralha? Aí tu também ouve a palavra colapso todos os dias? Eu saí das redes sociais. Nunca gostei muito, e não dava mais, mesmo que eu tivesse esperança de um dia tu escrever meu nome completo na busca e me encontrar e me mandar uma mensagem, quem sabe, né, um feliz aniversário, um gif. Mesmo assim, mesmo tendo levado essa esperançazinha por um bom tempo, eu saí. Que bom que tu não tá aqui. Na real, o Brasil ta uma / Merda (Polesso, 2021, p. 17-19).

Mesmo que os mencionados cortes na educação tenham vindo depois da publicação do livro, o que me importa neste artigo é traçar uma espécie de arco de acontecimentos, no contexto de produção e recepção. É dizer de uma atenção ao mundo que certas pessoas, marcadas por certas tensões vão poder construir mais fidedignamente. É estar ciente das opacidades que cedo ou tarde se revelam e se estendem para outres. Sou uma lésbica no fim do mundo, sou uma lésbica professora e artista, no fim do mundo.

[por-alunos-em-escola-municipal-de-caxias-do-sul-cm8ysaw1u00hd011jxjkhvgrx.html](https://www.sinprodf.org.br/governo-bolsonaro-corta-r-24-bi-da-educacao-e-confirma-frase-de-darcy-ribeiro/). Acesso em: 2 abr. 2025.

³ Só ano de 2022 governo Bolsonaro cortou no total 5,6 bilhões de Reais das verbas da Educação Pública. Disponível em <https://www.sinprodf.org.br/governo-bolsonaro-corta-r-24-bi-da-educacao-e-confirma-frase-de-darcy-ribeiro/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

E foi com o grande sentimento de incompreensão, com essas tensões, com raiva e medo, que pautei muitos aspectos dos livros, contos e outros projetos que escrevi e de que participei nos anos últimos anos, como por exemplo o *Atlas do Antropoceno*, atual projeto pesquisa, em que investigo não apenas as imagens e as imaginações do Antropoceno na literatura contemporânea, mas também seus atravessamentos de raça, classe, gênero, dissidências sexuais e corpos crip, conceito que vem da palavra de língua inglesa *creepy*, ou seja, arrepiante, estranho.

A dominante do Antropoceno serve como chave e rede para pensar a complexa trama que, no contraste, faz com que nós, dissidências; nós pessoas LGBTQIAPN+; nós, corpos crip; nós atravessades por tantas tensões que marcam outridades, sejamos quem explicita a consciência sobre o fim do mundo. O Antropoceno, como um conceito em disputa, grosso modo, vai estabelecer um tempo em que a existência humana se torna a forma determinante da vida planetária. Isso não quer dizer que os seres humanos apenas afetem a si mesmas e seu meio, isso quer dizer que eles/nós modificamos as estruturas geológicas, de funcionamento e de pensamento da terra. O termo Antropoceno revela que a humanidade é o maior agente de transformação geológica do planeta, neste momento, e que humanidade criou uma ruptura sem precedentes no planeta Terra. Essa a mudança, supostamente irreversível, faz do Antropoceno um deslocamento radical.

Evidentemente que o Antropoceno não é um conceito livre contradições e disputas. Na realidade, é uma hipótese científica refutada. Mas me interessa pensar como pensadores das sociais e humanidades têm fragmentado, distendido e eletrizado esse conceito desde o seu surgimento no ano 2000 com Paul Crutzen e Eugene Stoermer, que dataram seu início no final do século XVIII, pensando no efeito das concentrações atmosféricas de vários “gases de efeito estufa”. Desde aí, alguns *golden spikes* têm sido aventados e cada um deles vai dizer respeito a um modo de pensar nossas interferências no mundo, de pensar nossas visões de mundo. Para mim, localizar o evento que inaugura o Antropoceno com a invasão das américas significa pensar no sequestro e expropriação de pessoas do continente África, na produção de um grande e contínuo trauma, significa pensar na proliferação de vírus e doenças, no genocídio de povos originários de Abya Yala e no etnocídio de suas epistemologias, significa pensar na desestruturação e

reestruturação de grupos e assembleias humanas e não humanas, significa pensar em enormes mudanças de biomas e na formação de estruturas de *plantation* (com casa-grande, engenho e senzala) como uma engenharia de paisagem (humana e não-humana) que instaura um modo novo e pernicioso de habitar o mundo. Malcom Ferdinand (2022) vai chamar esse modo de “habitar colonial do mundo”.

Habitar a Terra começa nas relações com os outros. Assim, o habitar colonial designa uma concepção singular da existência de certos humanos sobre a Terra – os colonizadores –, e de suas relações com os outros humanos – não colonizadores –, assim como de suas maneiras de se reportar à natureza e aos não humanos dessas ilhas. Esse habitar colonial contém princípios, fundamentos e formas (Ferdinand, p. 48-49, 2022).

Princípios, fundamentos e formas em que nós, pessoas dissidentes anteriormente nominadas, nunca coubemos. Princípios, fundamentos e formas que não respeitam a existência de certos humanos e não-humanos.

Paul Preciado, em *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando* (2023), diz que essa junção de palavras (*Dysphoria mundi*) que dá nome ao livro existe para que compreendamos as condições descritas como disfóricas não como patológicas ou psiquiátricas, mas como “formas de vida que anunciam um novo regime de saber e uma nova ordem político-visual a partir das quais pensar a transição planetária” (Preciado, 2023, p. 22). Me parece também, e mais especificamente, um bom modo de pensar contra esse *habitar colonial*. Não é a anunciação de um novo regime, vejo mais como uma retomada. A transição planetária é e deve ser material e epistêmico-política; e, portanto, é e deve acontecer nas práticas da vida e no modo de imaginar e reimaginar o mundo. Nesse sentido, vejo a literatura como um dispositivo, no sentido Foucaultiano, um *dispositivo antropocênico* (Polessio, 2024). Seria como pensar as funções da literatura, a catártica, a estética, a cognitiva, a lúdica e a político-social e, dentro dessa última, um desdobramento específico para pensar o momento presente e suas questões *eco-lógicas*, ou seja, do modo de habitar. Para Foucault, um dispositivo é uma prática (discursiva e não-discursiva), um arranjo de poder que pode ser expresso em atitudes, falas ou teorias.

Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. [...] entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (Foucault, 2006, p. 244).

Nesse sentido, o dispositivo antropocênico, pensando pelo viés da literatura, é uma rede de elementos discursivos (textos, histórias, personagens, cenários, enredos, fabulações) e não discursivos (livros, livrarias, eventos literários, objetos culturais), que mobilizam reflexões acerca do mundo e suas composições e uma tecnologia criativa que pode ou não fazer parte de uma estratégia de pensamentos para determinados interesses direcionados. Essa estratégia não joga luz sobre a autoria única especificamente, mas cria um compósito de referências, imaginários e imaginações tramadas por diversas pessoas escritoras e leitoras. Então, para mim na condição de pessoa escritora e leitora, há nesta visão da literatura como dispositivo antropocênico, uma escolha que visa a articular categorias de gênero, raça, classe e corpos *crip* para compor um campo léxico disfórico e assim melhor compreender e ajudar nas composições que instauram essa *dysphoria mundi*. Daí, a função das lésbicas até no fim do mundo. Daí as lésbicas em todos os lugares, ocupando as abas de representações quais sejam.

A minha utopia radical, como pontua Jack Halberstam, em *A arte queer do fracasso* (2020) é que as lésbicas na minha literatura estejam em todos os espaços, sejam de relações românticas, familiares, capitalistas ou ecológicas, ainda que no fim do mundo. Porque esse repertório de imagens produzidas, que compões imaginários e possibilitam mais imaginações ainda é pequeno, apesar dos esforços contínuos há tempos desejados e produzidos, como pontua Halberstam:

Acadêmicos, ativistas, artistas e personagens de desenho animado há muito tempo estão em busca de uma forma de verbalizar uma visão alternativa de vida, amor e trabalho e de colocar em prática essa visão. Através do uso de manifestos, de uma gama de estratégias políticas e de novas tecnologias de representação, utopistas radicais continuam a procurar diferentes maneiras de ser no mundo e de ser em relação um

com o outro do que aquelas prescritas para o sujeito liberal e consumidor. (Halberstam, 2024, posição 170 de 388).

Para além da produção de novas possibilidades imaginativas, essa decisão vem de um desejo de não ser pega pelos “anzóis da hegemonia”, ainda que ela desemboque numa espécie de fracasso. Já perdi a conta de quantas vezes tive que questionar pessoas que, ao ler *Amora* (2015), meu livro de contos com personagens lésbicas, ganhador do prêmio Jabuti de 2016, me dizem não ver ali que são mulheres, porque veem apenas o amor. Dizem isso como se esse apagamento fosse elogioso. Não percebem a dissidência, pois o sentimento é tão bem construído que, para essas pessoas, ele se plasma às estruturas ideológicas hegemônicas, notadamente à heterossexualidade. Se não veem mulheres, veem o quê? Ora, são mulheres! Mulheres lésbicas! Em diversos tipos de relação, que não se resumem apenas àquelas românticas. Qual é a dificuldade de compreender que essas podem protagonizar histórias de amor fora de uma narrativa hegemônica heteronormativa? Esse “fracasso” *queer* não é realmente um fracasso da literatura é a evidência da não submissão ao anzol, é a evidência das falhas estruturais, é a exposição da *disphoria mundi*.

Em determinadas circunstâncias, fracassar, perder, esquecer, desconstruir, desfazer, “inadequar-se”, não saber podem, na verdade, oferecer formas mais criativas, mais cooperativas, mais surpreendentes de ser no mundo. Fracassar é algo que pessoas *queer* fazem e sempre fizeram excepcionalmente bem; para pessoas *queer*, o fracasso pode ser estilo, citando Quentin Crisp, ou um modo de vida, citando Foucault, e pode contrastar com os cenários sombrios de sucesso que dependem de “tentar e tentar novamente”. Aliás, se o sucesso exige tanto esforço, talvez, em longo prazo, o fracasso seja mais fácil e ofereça recompensas diferentes. Que tipos de recompensas o fracasso pode nos oferecer? Talvez o mais óbvio é que o fracasso permite-nos escapar às normas punitivas que disciplinam o comportamento e administram o desenvolvimento humano com o objetivo de nos resgatar de uma infância indisciplinada, conduzindo-nos a uma fase adulta controlada e previsível (Halberstam, 2024, posição 195 de 388).

Halberstam (2024), a partir desse trecho, segue dizendo que o fracasso preservaria um tanto da anarquia da infância e também perturbaria os discursos de positividade tóxica que nos circundam com suas normoses. Daí, para mim, fazia cada vez mais sentido que lésbicas estivessem até no fim do mundo.

Nos anos 1980, Monique Wittig chamava atenção para a importância da linguagem e dos estudos da linguagem como elemento político, que os discursos produzidos nos campos de estudos sociais são da ordem da heterossexualidade e nos oprimem (aqui me refiro a nós, pessoas gênero dissidentes) na medida em que pautam as referências que partilhamos e pautam, em alguma medida, a maneira como podemos criar ficções. A tal ponto que se uma personagem não for marcada na narrativa, ela será um homem, branco, hétero, cis, saudável. Ao produzir literariamente as marcações subjetivas e categorizantes de, por exemplo, mulher, lésbica, doente ou pessoa não-binária negra, estamos quebrando o contrato tácito universalizante do pensamento hétero,

Por seu caráter irrefutável, como conhecimento, como princípio óbvio, como um dado anterior a qualquer ciência, o pensamento hétero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e de todos os fenômenos subjetivos ao mesmo tempo. Só tenho a sublinhar o caráter opressor de que o pensamento hétero se reveste em sua tendência de universalizar imediatamente sua produção de conceitos e torná-los leis gerais que seriam verdadeiras para todas as sociedades, todas as épocas para todos os indivíduos (Wittig, 2022, p. 62).

É esse pensamento que produz o “elogio” que *Amora* (2016) tantas vezes ganhou e ganha. Ainda que eu seja obrigada a marcar e assim instaurar no texto a diferença, isso não é garantia de que ela seja lida, vista, reconhecida, compreendida e amada. Por isso, produzir para o pensamento *straight* ou produzir na chave de sentido desse pensamento, sem a quebra do contrato heterossexual é estar fadado ao fracasso normativo, ao fracasso do próprio desejo e talvez ao sucesso das relações capitalistas, tanto de produção de riquezas quanto de misérias, quais sejam. Por outro lado, escrever instaurando estranhezas para existir, como aparece no subtítulo de *Corpos crip* (2022), de Christine Greiner, é se inscrever no fracasso halberstamiano. Ser a dissidência, a incompreensão ou o desagrado

da norma é colaborar para a produção de transformações políticas, conceituais, teóricas e imaginativas.

Há ainda uma outra dimensão do fracasso, uma que acontece no campo literário, a da legitimação das nossas histórias como criação ficcional. É comum que eu ouça, além da pergunta sobre o que estou escrevendo, uma segunda pergunta, que vem depois da leitura: é autobiográfico? Ou ainda o quanto da história é autobiografia? Como se eu, por ser uma pessoa não-binária lésbica (sim, porque lésbica para mim tem uma dimensão política de afirmação histórica), pudesse apenas escrever sobre o que vivi. Como se eu, por ser essa pessoa, não possuísse a capacidade de elaborar ficções que a norma adjetivaria como universal. A mim nem interessa produzir algo universal. Não acredito em universalidade. Acredito em compartilhamento coletivo de sentimentos e sensações, mas não posso ser ingênua a ponto de achar que esses sentimentos seriam compreendidos por todas as pessoas do mundo. Há atravessamentos geográficos, culturais, raciais, étnicos, etários, econômicos, de gênero, subjetivos e ontológicos até, entre tantos outros que notados, não poderiam nunca produzir algo universal, senão universalizante. Não preciso aqui (mas vou) dizer que um homem branco hétero e cis poderia passar ileso por esta pergunta, poderia falar sobre outras características de seu texto, que não especificidades biográficas. Mas as dissidências vão ter que responder a essas perguntas. A questão é que todo mundo que escreve, escreve a partir de si mesmo e imagina a partir da sua própria imaginação e pesquisa a partir das suas próprias curiosidades. Esse é justamente o poder mágico da produção ficcional, esse exercício radial de vulnerabilidade observação e alteridade.

Carola Saavedra, em *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*; (2021) e Amitav Ghosh, em *O grande desatino* (2022), formulam questões e tentam responder de diferentes e criativas maneiras o que pode a ficção frente ao colapso? O que pode a ficção frente a esse grande desatino que estamos vivendo, frente à Era que chamamos de Antropoceno? Desde que comecei a pesquisar sobre o assunto, em 2016, tenho me feito perguntas como essas e compondo respostas de diversos caracteres dentro da teoria da literatura e da escrita criativa como áreas acadêmicas; e da literatura e da vida literária, como campos sociais. É certo que ao pensar assim, considero que as palavras produzem

mudanças no mundo real. Por exemplo, Ghosh (2022) associa o negacionismo e a crise climática com uma crise da cultura e da imaginação ao notar que globalmente temos dificuldade de compreender, aceitar e tomar atitudes frente à emergência cada vez mais frequente de problemas climático e as intrincadas tramas político-sociais que enfrentamos por causa deles. Digo desse modo, pois a crise climática dentro das discussões críticas do Antropoceno nas sociais é uma produção do capitalismo. Por exemplo, as chuvas de maio de 2024 no Rio Grande do Sul são também frutos das mudanças climáticas que vêm acontecendo há algum tempo, mas as consequências dessas chuvas são variadas e atingem as pessoas de modos distintos e isso muito têm a ver com as estruturas sociais produzidas. De Carli et al. (2024), optam por descrever as inundações mencionadas como uma *tragédia político-climática*

Optamos por descrever desta maneira as inundações no RS em abril e, principalmente, maio de 2024 para ressaltar o caráter não unívoco – no sentido de univocidade, similaridade essencial, evocada por Viveiros de Castro (2004), para desenvolver no seu lugar uma equivocidade controlada, mas também por Costa (2019) e Maniglier (2019) – dos eventos do Antropoceno, em que, para configurar a sua diferença constituinte, as catástrofes não podem estar circunscritas somente ao âmbito climático, mas também ao âmbito político – a fim de fazer valer a discussão ontológica característica e possibilitada pelo nome dessa nova era (De Carli; Conter; Proto, 2024, p. 207-208).

Para além disso, cito um exemplo, atravessado pelo gênero, apenas para que vejamos complexidades: os casos de abusos e assédios sofridos por mulheres e crianças nos abrigos provisórios.

É razoável a implicação de uma crise do pensamento associada à uma crise de enfrentamento, afinal para aqueles cuja vida sempre esteve no conforto e na conformidade da norma, mesmo que a norma seja a expectativa do cumprimento de objetivos que trariam um suposto sucesso (crescer, se desenvolver, ter um trabalho, namorar, casar-se, constituir família legal, ter filhos, adquirir ou conservar bens, especular financeiramente, etc...) admitir que talvez o mundo colapse antes que você consiga aproveitar seus privilégios mais privilegiados é um golpe. A incerteza do futuro fratura a norma e fratura

a expectativa de quem faz tudo “direitinho”. Seja isso dentro da norma ou dentro do que é possível e até esperado que se burle, a depender do lugar de fala que a pessoa ocupa. Mas para quem esse futuro algum dia existiu assim tão certo e linear? E quem tem um presente tranquilo para planejar esse tipo futuro bem-sucedido? Paul Preciado (2022) diz que

Nosso presente, o presente dos corpos das minorias oprimidas, o presente dos povos outrora colonizados, presente dos corpos aos quais se designou o gênero feminino no nascimento, dos corpos racializados, o presente dos corpos indígenas, dos trabalhadores pobres, dos corpos considerados anormais, sexualmente desviados, homossexuais, trans doentes mentais ou incapacitados, o presente dos idosos e crianças, o presente dos animais não humanos, das minorias étnicas ou religiosas, o presente dos imigrantes e refugiados..., este presente sempre foi estranho e nosso futuro nunca foi mais do que uma série de perguntas sem respostas. A diferença agora é que nossa condição de precariedade e de expropriação, de encarceramento ou exílio, de submissão e desamparo está generalizada (Preciado, p. 40, 2022).

Nessa disforia coletiva do mundo, acaba que nossos lugares sempre foram de desconforto e sentimos mais ou menos as forças dessas tensões político sociais e somáticas a depender das nossas redes de interseccionalidades. Nossos corpos, sujeitos e objetos dos mais variados processos extrativistas, colapsam mais e com mais frequência, mas não se resumem apenas às falhas, dores, fracassos e perdas. Greiner (2023), num capítulo chamado “Do *queer* ao *crip*”, ao fazer um apanhado de teóricas *queer* que conviveram com doenças, como Gloria Anzaldúa, Eve Kosofsky Sedgwick, Emma Kivisild, Jasbir Puar, entre outras, traça esse entrelaçamento do *queer* e do estranho

A cripistemologia faz emergir uma política de deliberada fragilidade (e imprevisibilidade), que nada tem a ver com o ficar inerte sem ação, em vez disso, concentra-se na recusa em habitar os parâmetros neoliberais de ativação. Trata-se de um outro tipo de movimento que emerge das opacidades (Greiner, 2023, p. 36-37).

As cripistemologias não apontam para a superação, a positividade e as deficiências empoderadas, elas dizem que corpos fora da norma *instauram estranhezas para existir*,

criam repertório, produzem relações outras, mexem nas expectativas e desejos de futuridades. A literatura produzida pela e para a dissidência ajuda a criar espaços possíveis no mundo não apenas para existir, mas para desejar e criar imaginários nestes escombros, nas ruínas do capitalismo.

De minha parte, nos meus livros, escrever personagens lésbicas e doentes, como Regina e Nanda; velhas como Norma, Lupe, Marília, Alvina, Leci, Eugênia, a velha Asna; racializadas como Pietra e Denise; não binárias, como Lu, Teo, Penélope; trans como Lilo, Aurora, entre tantas outras, em situações em que não orbitem sua sexualidade e gênero, mas que sua sexualidade e gênero sejam um atravessamento como muitos outros em um mundo colapsado e colapsante, é uma decisão que traz complexidades e nuances ao cenário da literatura e busca compor imaginários de expectativas sobre ideias de bem-viver. Preciado diz que

Estamos doentes de linguagem e só podemos sarar através de um *détournement* intencional das máquinas semióticas com as quais nos construímos e aprendemos a dizer eu. Num mundo dominado pela infecção linguística, não pode haver diferença entre o poeta e o filósofo, entre o revolucionário e o experimentador conceitual: todos são ou somos, contaminadores ou artistas diante da linguagem (Preciado, 2022, p. 73-74).

É evidente que personagens não normativas estarão sujeitas a relações não normativas dentro e fora da ficção, ou seja, em seu mundo criado e também na recepção, confrontadas com o mundo das pessoas leitoras. Essas relações se estabelecem em espaços e tempos compartilhados e normatizados e, portanto, sendo esse o desejo da pessoa autora ou não, vão revelar ou desvelar modos de ser no mundo. Há quem possa sentir uma profunda identificação com essas imaginações e há que possa sentir repulsa. De todas as maneiras, possibilidades imaginativas serão ativadas, possibilidades que há bem pouco tempo não figuravam de maneira tão ampla na literatura brasileira contemporânea.⁴

⁴ Para compreender essa observação indico a leitura de ZILBERMAN, Regina. O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014). **Estudos de Literatura Brasileira**

Me parece que o caminho é fazer de nossas escolhas léxicas, linguísticas e estéticas também escolhas políticas que sejam capazes de compor um campo semântico desviante, contra colonizador; capaz de expor a condição colonial e de compor imaginações de mundo e até de fim de mundos onde existências não normativas transitem sem medo de expor seus desejos, complexidades e contradições. Afinal, qual mundo precisa acabar para que sejamos vistas e reconhecidas? Criar esse mundo é finalmente criar um mundo, o mundo. Evidentemente que não sou a única a estar escrevendo com essas armas, digo, com esse vírus, digo, com essas estratégias de descolonização do imaginário, digo com essas personagens. Mas reparem, vocês, pessoas leitoras, quem está?

Referências

- DE CARLI, A.; CONTER, M.; PROTO, C. 2024, p. 207-208. Quando Gaia irrompe no congresso: enchentes no RS e narrativas do Antropoceno e apesar dele. **Mídia e Cotidiano**, v. 18, n. 3, p. 206-228, 2024.
- FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.
- GHOSH, Amitav. **O grande desatino: mudanças climáticas e o impensável**. São Paulo: Quina Editora, 2022.
- GREINER, Christine; SANCHEZ Thany (ilustrações). **Corpos crip: instaurar estranhezas para existir**. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- LOPES, Adília. **Um jogo bastante perigoso**. Belo Horizonte: Moinhos, 2018.
- HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Kindle Edition, 2024.
- POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. São Paulo: Dublinense, 2015.
- POLESSO, Natalia Borges. **A extinção das abelhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Contemporânea, [S. l.], n. 50, p. 424–443, 2017. DOI: [10.1590/2316-40185025](https://doi.org/10.1590/2316-40185025). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10188>. Acesso em: 2 abr. 2025.

POLESSO, Natalia Borges. A literatura como dispositivo antropocênico: considerações acerca do processo criativo em corpos secos, a extinção das abelhas e perfeita tecnologia, de Natalia Borges Polesso. *Abusões*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 24, 2024. DOI: [10.12957/abusoes.2024.81825](https://doi.org/10.12957/abusoes.2024.81825). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/abusoes/article/view/81825>. Acesso em: 2 abr. 2025.

PRECIADO, Paul. *Dysphoria mundi*: o som do mundo desmoronando. São Paulo: Companhia das Letras / Zahar, 2023.

SAAVEDRA, Carola. *O mundo desdobrável*: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*: a homossexualidade no Brasil da colônia a atualidade. São Paulo: Objetiva, 2018.

WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Lesbians even at the end of the world: a proposal for the composition of new imaginaries

Abstract: This article discusses the complexities that permeate the compositional choices of a literary text from the perspectives of gender dissidence, decoloniality, and ecology. Based on the ideas of *dysphoria mundi* by Preciado (2023), queer failure by Halberstam (2024), straight thinking by Wittig (2022), and cryptostemologies by Greiner (2023), we seek to show how narrative choices and the composition of dissident, racialized, and/or sick gender characters collaborate in the composition of imaginaries of possible worlds and possible ends of the world. These images produced in the narratives serve as a repertoire and a device not only to deal with the present, whether in the theoretical or critical field, or in the ludic field, in which the reader enjoys the discoveries in reading, but also creates possibilities for new imaginations, potentially expanding the existence of the oppressed by social norms and normative discourses. The fictional narratives that exemplify the cases are *The Extinction of Bees* (2021) and *Amora* (2015).

Keywords: Device. *Dysphoria mundi*. Creative writing. Failure. Literature.

Recebido: 30/05/2025

Aceito: 13/01/2026